

ESPAÇO SOCIOCULTURAL UNIETHNOS – LUGAR DE VISIBILIDADE DA ALTERIDADE INDÍGENA¹

Wilker Kenio Moreira Leonel²
Marcos Flávio Portela Veras³

RESUMO: A visibilidade da alteridade indígena no Brasil sempre foi um desafio por confrontar o projeto de homogeneidade cultural inerente dos Estados nacionais. A criação de espaços e estratégias de valorização do legado cultural e linguístico dos povos indígenas são relevantes para atingir tal propósito. O Espaço Sociocultural UniETHNOS é um acervo linguístico e cultural localizado no campus da Universidade Evangélica de Goiás e o objetivo deste artigo é perceber a sua relevância como lugar de memória e herança cultural. Por meio de uma pesquisa que envolveu revisão de literatura, entrevistas com os idealizadores e autores dos materiais, bem como alguns documentos históricos, foi possível identificar como lugar de diversidade cultural, constituído na materialização dos processos históricos e identitários de vários povos que fazem parte da construção da sociedade brasileira. Nesse sentido, o legado da atuação da Associação Internacional de Linguística (SIL) é muito importante, pois possibilitou a produção de muitas pesquisas e materiais nas línguas indígenas presentes no acervo.

PALAVRAS-CHAVE: UniETHNOS; memória; patrimônio; povos indígenas.

ANTHROPOPHAGY AS A CONTINUOUS AND UPDATE MOVEMENT

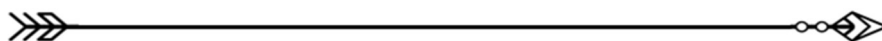
ABSTRACT: The visibility of indigenous otherness in Brazil has always been a challenge for confronting the project of cultural homogeneity inherent in national states. The creation of spaces and strategies to value the cultural and linguistic legacy of indigenous peoples are relevant to achieve this purpose. The UniETHNOS Sociocultural Space is a linguistic and cultural collection located on the campus of the Evangelical University of Goiás and the aim of this article is to understand its relevance as a place of memory and cultural heritage. Through a research that involved literature review, interviews with the creators and authors of the materials, as well as some historical documents, it was possible to identify as a place of cultural diversity, constituted in the materialization of the historical and identity processes of various peoples who are part of the construction of Brazilian society. In this sense, the legacy of the work of the International Association of Linguistics (SIL) is very important, as it enabled the production of much research and materials in the indigenous languages present in the collection.

KEYWORDS: UniETHNOS; memory, heritage, indigenous peoples.

¹ Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa “Culturas, (in)visibilidade e transformação social”, dentro das atividades do Núcleo de Estudos sobre Culturas e Etnodesenvolvimento da Universidade Evangélica de Goiás, por meio do Grupo de Pesquisa CNPq “Diálogos Interculturais, linha de pesquisa sobre patrimônio cultural.

² Graduado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual de Goiás. E-mail: wilkerleonel@outlook.com

³ Doutor em Antropologia Social. Universidade Evangélica de Goiás. E-mail: marcos.veras@unievangelica.edu.br



INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com uma rica formação sociocultural, e, como poucos no mundo, é marcado por uma pluralidade de manifestações. Contudo, sua história é narrada pelos detentores do poder que o colonizaram e relegaram ao papel de meros coadjuvantes aqueles que também foram protagonistas. Esse processo gerou a invisibilidade de grupos sociais que foram fundamentais na sua construção e um recente interesse na sua visibilidade deve produzir esforços e iniciativas na quebra dos paradigmas mencionados.

Pensando nisso, a criação de espaços que reúnam a história desses grupos, com destaque para as populações indígenas, são instrumentos de informação, formação e visibilidade de sua alteridade. Com esse intuito o Espaço Sociocultural UniETHNOS foi criado em 2018 na biblioteca central Rev. Nicomedes Augusto da Silva no campus da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) onde estão expostos resultados de pesquisas linguísticas e artefatos culturais, representando um convite a valorização dessas línguas e culturas presentes em nosso território. Este campo de estudos envolve uma abordagem interdisciplinar que tem a ver com o patrimônio histórico, a memória coletiva, a interculturalidade.

O interesse por esta temática se deu pela percepção da relevância de espaços como esses e a recorrente falta de interesse da comunidade acadêmica em conhecer e respeitar a diversidade cultural. Além de contribuir para entender melhor sua própria razão de existir, este estudo pode ser uma forma de despertar nos acadêmicos da instituição e população local uma reflexão oportuna sobre direitos, inclusão e responsabilidade social.

A ideia com esta pesquisa foi problematizar a invisibilidade de um espaço localizado na parte central de uma biblioteca onde costuma transitar centenas de alunos diariamente e que manifesta uma desvalorização histórica pelo papel dos indígenas na história do Brasil. Uma compreensão melhor deste espaço e do debate seria uma forma de compreensão deste fenômeno? Propor ações no sentido de aumentar a visibilidade também seria um meio de fomentar uma nova perspectiva em relação aos grupos ali representados?

A escolha da categoria lugar se dar em virtude de ser aplicada por diversas áreas do conhecimento ao tema de estudos de caráter espacial ou físico-territorial. Castello (2005) pondera que a concepção de lugar é multidisciplinar, no que tange a uma variedade de métodos que o conceituam e nos permite interpretá-lo. Pode haver interpretações

7



arquitetônica-urbanísticas, antropológicas, psicológicas, geográficas, entre outras, haja visto que cada campo do conhecimento se apropria desta categoria de forma específica. Com isto, é importante que lugar seja evidenciado em seu propósito, pois de acordo Augé (2003) “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (p.73). Por sua parte, Harvey (2009) ressalta que é importante “aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal” (p. 221).

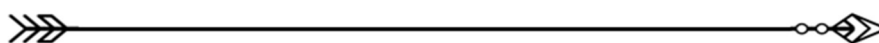
Nesse sentido, o objetivo aqui é descrever conceitualmente o UniETHNOS, como lugar antropológico, linguístico, acadêmico e de valorização da diversidade cultural indígena. Não há uma exploração do acervo contido no lugar, mas a partir da observação e estudo no local, um aporte teórico de temas que o conferem significado.

Foi utilizada a abordagem metodológica da pesquisa histórica, que objetiva catalogar informações acessadas por meio de arquivos, bibliografias e fontes orais, com a finalidade de conhecer e dar uma caracterização ao espaço, criando uma identidade para ele, analisando sua origem e percurso histórico. Por meio de uma revisão de literatura foi possível se apropriar de conceitos pertinentes para a abordar o objeto em questão. As entrevistas com atores sociais envolvidos na criação do UniETHNOS, bem como na construção do seu acervo foram úteis para entender sua relevância e contribuição para a visibilidade da alteridade indígena.

Para esta análise, foram escolhidos conceitos para pavimentar caminhos de compreensão como o de patrimônio cultural, a partir de marcos históricos na cultura brasileira e o de memória no que tange ao fortalecimento da identidade coletiva dos grupos indígenas. A atuação da Associação Internacional de Linguística (SIL) e outras instituições são abordadas para evidenciar sua contribuição glotológica. Por fim, o UniETHNOS é apresentado aplicando os conceitos abordados e ponderando a importância deste lugar como local de pesquisa e conhecimento, como lugar antropológico.

MODERNIZAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL

O Brasil esteve ao longo do séc. XIX fortemente influenciado por ideologias positivistas e vestígios deste pensamento ecoam na sociedade contemporânea. A bandeira símbolo de representatividade da nação tem como lema “ordem e progresso”, evidenciando



a centralidade desta teoria filosófica no nacionalismo brasileiro. O positivismo tinha como vislumbre a modernização, caracterizada como forma de civilizar culturas tradicionais dando-lhes uma educação e estilo de vida “europeu”, em outras palavras o objetivo da ciência positivista não é baseada em fatos, mas em essências no sentido eidético.

Completando cem anos da independência do Brasil, foi realizada a semana da arte moderna de 1922, este evento foi um marco para expressão cultural, estética, social e artística nacional, sendo um divisor de águas no cenário brasileiro. Ora, de um lado temos a construção do Brasil em relação ao que estava acontecendo na Europa, sedimentando bases da cultura elitista e suas limitações em aceitação dos conhecimentos tradicionais, os quais eram vistos como manifestações desnecessárias para construção da narrativa nacional. Parafraseando Marshall Berman “tudo quanto [...] venha ser criado no futuro – deve ser destruído, rompido com o passado a fim de consolidar o caminho para mais criação” (BERMAN, 2007, p. 62). No entanto, por outro lado, temos intelectuais brasileiros como embaixadores para reavivar tradições, uma busca incessante por raízes nacionais com a finalidade de valorizar a autenticidade da cultura brasileira. Isso vai suscitar a chegada de instituições como a SIL a convite do governo para desenvolver pesquisas e colaborar no propósito de alinhar o conhecimento tradicional ao científico, dando ênfase a importância de grupos indígenas e suas línguas na formação multifacetada da cultura brasileira.

O processo de modernização se apresenta como um processo que busca dar novas formas a partir de mudanças sociais e promove o enfraquecimento dos conhecimentos e práticas tradicionais, fazendo com que percam o valor na formação da identidade nacional, “cria novos ambientes humanos e destrói antigos” (BERMAN, 2007, p. 25). A lógica positivista deixa contribuições para o pensamento e a cultura contemporânea, buscando romper laços com a diversidade, para a criação uniformidade identitária concebendo não-lugares, ou seja, lugares sem identidade, em contrapartida “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (AUGÉ, 2003, p. 73).

A modernização é uma forma de contrapor as tradições por meio de um processo de reinvenção cultural. O diálogo de culturas sempre foi um problema relacionado às exigências da modernidade, que não valoriza a tradição no Brasil. O reconhecimento de comunidades tradicionais indígenas frente ao avanço de políticas neoliberais pode ser um



importante caminho para o surgimento de iniciativas acadêmicas como forma de valorização, haja vista que o UniETHNOS é o espaço que possibilita e fomenta este diálogo.

A Constituição Federal de 1988, no Artigo 216, apresenta o conceito de patrimônio Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, estabelecendo como patrimônio “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”, o Artigo 216 da Constituição, atua substituindo esta denominação de Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro, conceituando patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2016). Incorpora o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial.

Nessa redefinição promovida pela Constituição estão as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, artístico, arqueológico, paleontológico (BRASIL, 2016). O patrimônio é colocado como um produto material e imaterial, um processo de construção da identidade. Halbwachs (2013) associa de forma exímia a memória com a participação de um grupo, uma comunidade, no qual ao lembrarmos somos deslocados de um lugar para outro

não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p.39).

Na língua inglesa, a expressão equivalente a patrimônio cultural é cultural heritage, ou seja, literalmente, herança cultural (MENDES, 2012). O UniETHNOS tem como propósito dar visibilidade a diversidade cultural indígena por meio da exposição de artefatos e materiais linguísticos produzido por várias instituições, dentre as quais está a SIL, presente



no Brasil desde 1951 e com trabalhos desenvolvidos em diversos grupos indígenas em todo o país.

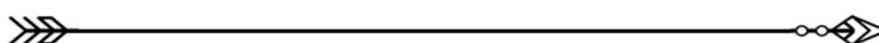
Na definição de Marc Augé este seria um lugar antropológico “um lugar, precisamente: aquele que ocupam os indígenas [...] que os defendem”, como essência de pesquisa antropológica este lugar tem como foco a interpretação do outro nos diferentes níveis, e busca dar evidências de sua importância através da perspectiva investigativa, haja vista que “o lugar antropológico tem escala variável” (AUGÉ, 2003, p. 51), no qual pode ser desde uma aldeia indígena a um ambiente destinado a narrar a história destes povos.

MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA

A década de 1970 representou o marco de descontentamento com o mundo pós-industrial, no qual trouxe inquietações buscando reinventar a sociedade, momento na história trouxe como marco a crítica da modernidade (KOSELLECK, 1999). Para Pierre Nora (1993) o passado se torna necessário pela busca da memória, em contrapartida, a dinâmica com as massas que buscavam romper como o passado. O apelo a memória surge como forma de valorização através da reconstrução de coletividades rompendo no espaço-tempo, a busca pelo passado e sua efetivação no momento presente. Essa busca mnemônica nos faz reviver bens materiais ou morais de um passado que não pode ser mudado, o qual não vivemos, mas as memórias nos permitem reviver. Madeira e Valio (2007) define que

estes bens, podem ser paisagens naturais, ou manifestações culturais, foram um todo que deve ser conservado e preservado, porque representa o esforço de um povo em construir sua herança que será repassada aos que virão e irão continuar a fazer história. É o que chamamos construir um modo de ser, uma identidade, isto é, o que faz sentir brasileiros e não do outro país, de uma região ou de uma cidade. É o que nos faz sentir que pertencemos a uma comunidade (MADEIRA; VALIO, 2007, p. 09).

A identidade de um povo está intimamente relacionada ao lugar no qual se vive, a partir das transformações locais e a preservação dos monumentos históricos, a partir da documentação para compreensão do passado. De acordo com Harvey (2009) o processo histórico vivenciado por um grupo é o alicerce de sua identidade individual e coletiva. Ela está presente nas narrativas orais, nos artefatos, na memória coletiva. Corroborando com esta ideia, Choay (2006) argumenta que os membros de determinado grupo carregam uma memória histórica e coletiva fundamental na mobilização do sentimento de pertencimento e valorização cultural.



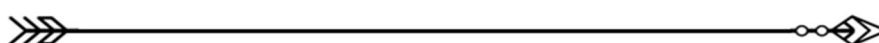
Durante o período medieval europeu, houve a destruição dos monumentos históricos por dois motivos: o proselitismo cristão e a indiferença em relação aos monumentos históricos que perderam o sentido quanto ao uso, a insegurança e a miséria. “Os monumentos históricos são portadores de valores de conhecimento específicos e gerais, para todas as categorias sociais” (CHOAY, 2006, p.117), produtos carregados de memória e significado. Maciel (2001, p. 06) justifica que para o desenvolvimento de uma sociedade

(...) não há necessidade de romper com o passado, nem de estar sempre substituindo as paisagens antigas por outras mais novas e modernas, é evidente que junto ao progresso já novas criações e estilos, podem conviver harmoniosamente com antigas construções, que carregam, na maioria das vezes, em suas fachadas e lembranças de várias gerações.

A preservação da identidade cultural das sociedades se dá por meio da manutenção de crenças, tradições, monumentos e todos os aspectos relacionados à cultura. Aplicada como um mecanismo de registro elucidativo através de lugares que retenham interpretações e documentos, em um caráter mais cético a existência de locais de memória. Pierre Nora (1993) julga que a sociedade cria estes lugares porque não há mais meios de memória, ela não é vivenciada, tampouco praticada. Em contrapartida, acreditamos que ela é um processo construtivo e não individual, mas em conjunto, que dão significado aos documentos, a SIL durante anos trabalhou de forma efetiva para que os documentos criados em campo se tonassem hoje objeto de pesquisa e reverberação cultural através do UniETHNOS.

Nas sociedades, a comunicação oral é uma eficiente ferramenta mnemônica para evitar a perda de determinada cultura, o ato de dialogar é um recurso pelo qual o registro é ativado na comunicação, socialização e instrumentalização através da escrita, “o documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, memória; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar status e elaboração à massa documental de que ela não se separa” (FOUCAULT, 2008, p. 08).

A aplicação da memória se efetiva no tempo presente para corresponder a uma necessidade atual através de locais de memória para se efetivar, por meio de um lugar para construção social e formação de imagem para o reforço da identidade coletiva. Para isso ela necessita de espaços de representação social e significado para a memória ser tratada como objeto de saberes e história, sem que haja perda total de determinada cultura. Nesta perspectiva, o vasto acervo de registros encontrado no UniETHNOS construído junto a



vários grupos indígenas brasileiros, representa a memória coletiva que outrora vem sendo negligenciada ou esquecida por parte do restante da população nacional.

O LEGADO DA SIL NO BRASIL

A SIL (Summer Institute of Linguistics) é uma organização sem fins lucrativos, que busca pesquisar, documentar e ajudar no desenvolvimento de línguas minoritárias evitando a sua extinção. Com a anuência dos grupos com os quais trabalha, esse grupo atua na tradução da bíblia para línguas ágrafas. Barros (2004) pondera que “(...) o SIL não é conhecido pelo seu trabalho de evangelização, mas sim pelos seus trabalhos em linguística sobre línguas agrafas. Em vários países da América-Latina, eles atuam na área de educação indígena oficial” (p. 49).

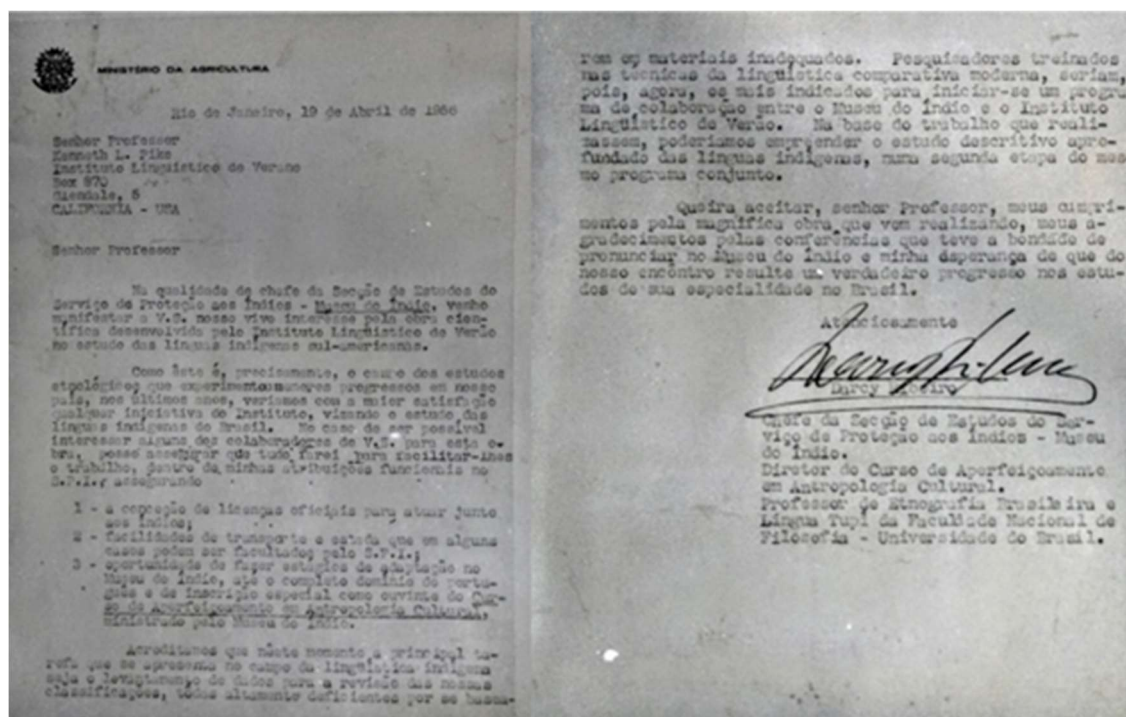


Figura 01 - Carta do antropólogo Darcy Ribeiro, ao professor Kennet L. Pike, na época presidente da *SIL International*. Cópia da carta original do acervo da SIL Brasil.
Fonte: disponível no UniETHNOS na Biblioteca Central da Universidade Evangélica de Anápolis – UniEvangélica.

A SIL chegou ao Brasil no ano de 1956 a convite do antropólogo Darcy Ribeiro (Figura 01). Relatos de membros da SIL descrevem que a chegada nas aldeias eram de difícil acesso, e, com a chegada do grupo eles estavam preenchendo uma lacuna de anos em relação

a línguas indígenas, os objetivos do grupo inicialmente foram: 1) conviver com grupos indígenas; 2) aprender sua cultura; 3) aprender a se comunicar no idioma local; 4) documentar as línguas agrafas; por fim ensinar esses grupos étnicos a ler e escrever em sua própria língua, sempre com o intuito de relacionar a linguística aplicada a educação escolar indígena com o propósito de reverberar a cultura linguística brasileira para o conhecimento local (no Brasil) e no mundo. Como prova disso a SIL chegou a trabalhar com 62 idiomas diferentes no Brasil. Em 1981, durante a aula de Tupi, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP – SP), um ínclito professor, expressou que a linguística no Brasil podia ser dividida em dois momentos: antes e depois da chegada da SIL (SOUZA, 2008).

Nos primeiros anos de atuação o grupo foram produzidos quatro volumes de gramáticas de línguas indígenas, o Handbook of Amazonian Languages (BARBOSA, 2004; SOUZA 2008). No Brasil, diferente de outros países da América Latina, a organização não entrou por meio convênios celebrados com a burocracia indigenista, mas pela academia, tendo como foco o programa de letramento na língua indígena, através do programa Yaricanocha, o que possibilitou boas relações posteriores com o governo e crescimento do grupo no Brasil. A mudança da sede do SIL do Rio para Brasília possibilitou uma série de avanços para o grupo que manteve boas relações oficiais com o Estado, resultando em seu crescimento.

Em 1962, Darcy Ribeiro convida o linguista Aryon Rodrigues para criar o primeiro departamento de linguística do Brasil na Universidade de Brasília (BARBOSA, 2004), o qual pode ter sido o terceiro curso de linguística no país (QUINTINO, 2021). Isso demonstra o relevante trabalho desempenhado pela SIL em território brasileiro. Leite et al (1981) pondera que a

SIL dedicou-se cada vez mais a elaborar materiais para uma educação indígena (cartilhas e vocabulários). Os laços do SIL com a FUNAI firmaram-se, e um das justificativas de sua presença em área indígena era a de desenvolver cartilhas para educação bilingue. [...] Um trabalho de educação bilingue exige bem mais do que uma fonética bem-feita. Existe sempre, embora que frequentemente oculta, uma filosofia de educação destes grupos deve tratar das suas relações com a sociedade envolvente, do seu passado e das opções possíveis para o seu futuro. Deveria haver uma relatividade dos conceitos de “escola” e “professor”. Neste sentido, as cartilhas do SIL, se revelam mais do que fracas: são porta-voz da política indigenista oficial da FUNAI — que não reflete sempre a ideologia do grupo ou os seus melhores interesses. (p. 65).

A atuação do grupo desde sua chegada ao Brasil possibilitou que muitos grupos mantivessem a língua materna. “Em certo sentido, escrever uma historiografia linguística



brasileira significa registrar a história da SIL no Brasil” (SOUZA, 2008, p. 05) Além de ajudar a contribuir na fundamentação sobre glotologia no país, o grupo buscou dar voz aos minoritários, e construir elos entre o saber tradicional e à docência. Com isto, podemos ressaltar dissertações de mestrado, teses de doutorado, e outros saberes de cunho científico de grande relevância para o cenário nacional e internacional. Souza (2008) destaca alguns destes nomes, tais como Allen Jensen que teve sua tese de doutorado defendida em Etnobiologia, Daniel Everett, outro nome importante que lecionou na Unicamp, tornando-se um linguista conhecido, entre outros, que produziram livros, dicionários, monografias, artigos e cartilhas.

Com isto, podemos compreender o quão relevante tem sido a atuação da SIL no Brasil, beneficiando inúmeros povos e pessoas com os materiais produzidos, dos quais em grande maioria foram aceitos para publicação. Nesse sentido, a SIL no Brasil tem uma relevância acadêmica e comunitária no contato e convívio com os grupos indígenas na obtenção de autonomia política e valorização cultural, tendo em vista que a língua é um importante sinal diacrítico de identificação étnica.

UNIETHNOS LUGAR DE MEMÓRIA E HERANÇA CULTURAL

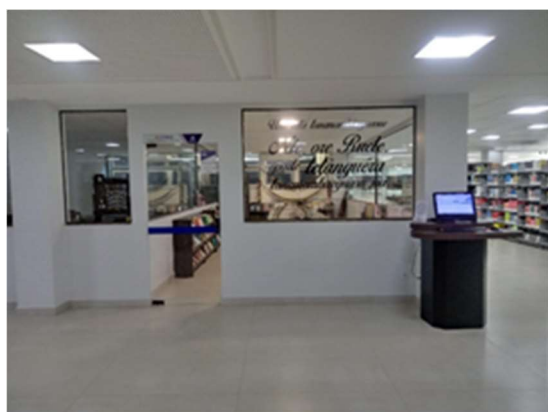


Figura 02 – Fotografia externa do UniETHNOS
Fonte: Acervo pessoal, 2021

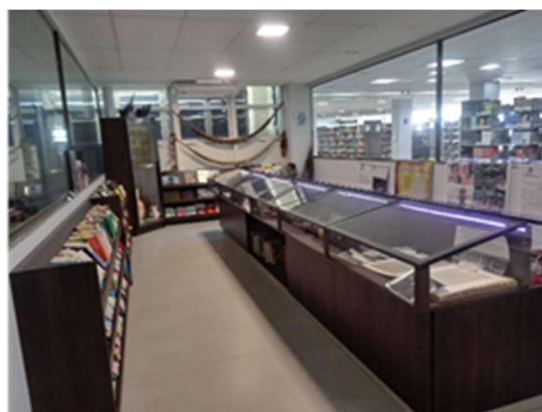


Figura 03 – Fotografia Interna do UniETHNOS
Fonte: Acervo pessoal, 2021

O Espaço Sociocultural UniETHNOS é um local destinado a memória e valorização da diversidade cultural. O ambiente possui 28,24m², composto por 2 expositores fechados com vidros que contém: peças indígenas, cerâmicas, livros, documentos e fotografias da SIL. Três expositores são abertos, os quais ficam em exposição, livros, cartilhas, dicionários etc. Este postulado é a caracterização deste lugar, os registros contidos

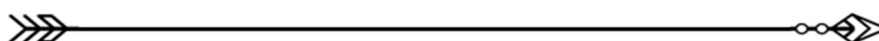


reforçam a dimensão do trabalho da SIL, concomitante com nossa experiência ao adentrá-lo.

Quando os portugueses aportaram no Brasil no séc. XVI estima-se que a população indígena era por volta de mil povos indígenas contendo uma população de três milhões de pessoas (FUNAI, 2021). A tabela 01 apresenta que este número ao longo dos anos vem decrescendo, apresentando uma série de variações em relação a população e a língua. Segundo o linguista D'Angelis (2004) muitas comunidades desistem de sobreviver como sociedades indígenas, abandonam a própria língua e inserem os filhos na sociedade nacional dominante. Com isto, parte dos jovens não se identificam com o seu passado histórico e não encontram razões para valorizar os padrões culturais de seus antepassados. Em geral, esse rompimento trás o extermínio por completo de algumas línguas.

De acordo com o Ethnologue (2021), o número de línguas estabelecidas no Brasil contabiliza 238, deste número 218 estão vivas, e 20 extintas. Com destes dados contabiliza-se 201 indígenas, e 17 não indígenas, 8 são institucionais (Português, Guajajara, Jamamadí, Pomerânia, Espanhol, Tapirapé, Ucraniano, Xavante), 33 delas estão em desenvolvimento, 36 estão em vigor, 42 estão com problemas e 99 destas línguas estão entrando em extinção.

Tabela 01 – Estimativas da população indígena no Brasil.

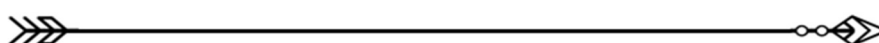


Ano	População total	% População total
1500	3.000.000	100,00
1570	1.200.000	95,00
1650	700.000	73,00
1825	360.000	9,00
1940	200.000	0,40
1950	150.000	0,37
1957	70.000	0,10
1980	210.000	0,19
1995	330.000	0,20
2000	400.000	0,20
2005	450.000	0,20
2010	817.962	0,26

Tabela 02. Estimativa da população indígena no Brasil.
Fonte: FUNAI (2021)

O levantamento destas informações no ETHNOLOGUE é resultado de anos de pesquisas em campo por membros da SIL, este grupo atuou e atua de forma exaustiva se dedicando em estudos para preservação e documentação das línguas, a metodologia aplicada para este propósito, tem por início a convivência com os povos, compreensão da língua, estudo da fonética e produção de materiais, para que então se torne memorável o reconhecimento da língua e a preservação destas através de registros. Hoje parte deste patrimônio está catalogado no UniETHNOS, junto ao acervo da Biblioteca Central, no qual esta coleção representa apenas uma parte do vasto trabalho do grupo dentro de muitas comunidades indígenas brasileiras.

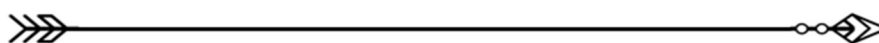
O UniETHNOS é caracterizado o local de memória (AUGÉ, 2003), a gênese dele se desenvolve quando estes objetos foram preteridos na sede de Brasília (DF), este preterir não ocorreu por negligência, mas pela inexistência de recursos financeiros para manter o local em atividade, no ano de 2018 por haver uma relação de proximidade entre membros da UniEVANGÉLICA e a SIL, este material foi trazido para dentro da Biblioteca Central,



concebendo então este ambiente destinado especificamente para ecoar o seu propósito, que caracteriza a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter próprio (lugar), devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas (CERTEAU, 2014.), o uniethnos é um ambiente tácito, outrora displicente na percepção dos que frequentam a biblioteca, mas seu acervo é o alarido de povos e línguas em extinção.

Este recinto tem como propósito aprofundar o conhecimento e fomentar pesquisas linguísticas, cujo foco está na representação da diversidade cultural linguística brasileira. Este ambiente retumbante busca dar visibilidade ao que é negligenciado, pela complementação da fala, a troca alusiva de algumas senhas, nas convivências e na intimidade cúmplice dos locutores (AUGÉ, 2003) com o público externo, René Descartes (1996) pondera que a leitura dos livros antigos, com suas histórias e fábulas é algo semelhante que conversar com os homens de outros séculos, é viajar, este é o propósito do UniETHNOS, propor diálogo com o presente, ser a voz de muitos que outrora estão esquecidos, trazer a memória a cultura destes povos, enaltecer a herança cultural que a língua indígena representa para cultura brasileira, é romper estigmas culturais que restruge obscurantismo a respeito dos povos tradicionais, estudar as línguas indígenas é de sobremaneira respeitar nossa própria história, é dar visibilidade ao invisível.

Ao caracterizá-lo como espaço de memória e herança cultural, fazemos um convite para mergulhar no tempo e se permitir ler nas entrelinhas o peso do passado cultural que possuímos como povo brasileiro, é romper com o censo de individualidade ameaçado pelo terror do tempo presente. Este lugar ressoa o alarido primaz da SIL com a comunidade acadêmica, resultado de pesquisas em traduzidos em memória (documento, objetos, utensílios, etc.), para Michel de Certeau (2004) este ambiente é um lugar estratégico capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta, que é capaz de fomentar diálogos com o meio acadêmico e a comunidade, a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos (CERTEAU, 2004.), o uniethnos tem por objetivo, não ser penas local de preservação, mas, fomentar diálogos concomitantemente com grupos indígenas, que ele seja o ambiente de pesquisas, e possibilite troca de experiências, através de oficinas, análises linguística, literárias, gramaticais, e resulte através do material contido ali dentro dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos. Este “lugar” é o local de pesquisa com foco na



interpretação do outro nos diferentes níveis, haja vista que “o lugar antropológico tem escala variável” (AUGÉ, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

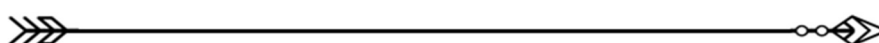
Com esta pesquisa procuramos enfatizar de forma multidisciplinar a importância da pesquisa e do UniETHNOS como espaço de concepção para a pesquisa e valorização cultural, para isto conceitualizamos o patrimônio com ênfase na herança cultural que o acervo local tem, a memória coletiva como suporte para a não extinção de determinada cultura, e a contribuição glotológica da SIL e outros grupos para a concepção deste lugar.

O cenário nacional e dados estatísticos apontam o crescente número de indígenas que vem se inserindo na sociedade local dominante, com isto algumas implicações são evidentes, tudo começa com o comportamento dos pais, que têm em mente o futuro e o bem-estar de seus filhos. Eles desejam o melhor para eles, incluindo oportunidades de emprego e outros benefícios que podem ser alcançados por meio de um maior conhecimento da cultura nacional. No entanto, uma parte dos jovens não se identifica com seu passado histórico e não se sente orgulhosa dos padrões culturais dos mais velhos. em geral, esse rompimento trás o extermínio por completo de algumas línguas, como apontado 20 línguas estão extintas e outras 99 estão entrando em extinção.

Como ponderado, a memória coletiva é um reagente para a preservação da identidade cultural, aplicado ao mecanismo do registro e interpretações através da escrita, fotografia e outros documentos, diante do nebuloso quadro nacional em aversão as comunidades tradicionais, e seus símbolos representatividade para a formação da identidade nacional, é importante que exista lugares que possibilitem a multidisciplinaridade (CASTELLO, 2005.) deixando em evidencia seu propósito pois “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (AUGÉ, 2003.), o UniETHNOS é o lugar, da pesquisa e diversidade linguística. Não apenas como lugar de preservação de acervo, com interpretação antropológica, arquitetônica, mas o ambiente que busca dar visibilidade outrora ao que está negligenciado.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3. ed. Campinas, SP: Papirus editora, 2003.



BARBOSA, Henrienne. **Línguas indígenas**: riqueza da nação brasileira. Senatus, Brasília, v. 3, n. 1, p. 54-59, abr. 2004. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70305>. Acesso em: 5 abr. 2021.

BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes. A missão Summer Institute of Linguistics e o indigenismo latino-americano: história de uma aliança (décadas de 1930 a 1970). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 45-85, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100002. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLO, Lineu. **Repensando o lugar no Projeto Urbano**. Variações na Percepção de lugar na Virada do Milênio (1985-2004). Orientador: Prof. Dr. Vicente Del Rio. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura., Porto Alegre, RS, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5112>. Acesso em: 24 jun. 2021.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Liberdade & Unesp, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

D'ANGELIS, Wilmar. O SIL e a Redução da Língua Kaingang – A Escrita: Um Caso de Missão “Por Tradução”. In: WRIGHT, Robim M. (Org.). **Transformando os Deuses**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

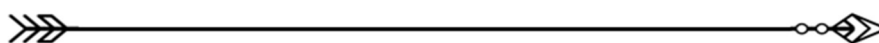
FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

EBERHARD, David, Gary SIMONS e Chuck FENNIG. **ETHNOLOGUE**, Languages of the World. Ethnologue: Languages of the World. Dallas, Texas: SIL International, 2021. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio (ed.). **Quem são**. Brasília, 2021. Disponível em: <http://funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>. Acesso em: 6 abr. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2.ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HARVEY, David. **Condições pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo. Loyola, 2009.



KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise** – uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

LEITE, Yonne et al. Debate: Os Missionários da Linguagem. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 59-73, 7 jul. 1981. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:debate-1981-missionarios>. Acesso em: 1 abr. 2021.

LYNCH, Kevim. **A imagem da cidade**. Trad. Luiz Camargo. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2006.

MACIEL, Darlene Mendes Morais. **Anápolis: história e memória através da arquitetura**. 2001. Monografia (Graduação), Anápolis, 2001.

MADEIRA, Fernando; VALIO, Walter Vilhena. **Nova carta à Cidade de Goiás**. 14. ed. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

MENDES, António Rosa. **O que é patrimônio cultural**. Portugal: Gente Singular, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/216319807.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23 jun. 2021.

QUINTINO, Lucas Batista. **Possibilidades de diálogo entre antropologia e missão**. 2021. 20 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Antropologia Cultural) - UniEvangélica, Anápolis - GO, 2021.

SOMEKH, Nadia (org.). **Preservando o patrimônio histórico: um manual para gestores municipais**. [S. l.: s. n.], 2015. 65 p. Disponível em: https://www.causp.gov.br/wp-content/uploads/2015/11/Manual-Patrimonio_completo_baixa.pdf. Acesso em: 25 out. 2018.

SOUZA, Isaac Costa de. SIL - 50 Anos no Brasil. In: WISE, Mary Ruth; DOOLEY, Robert A.; MURPHY, Isabel. **Um tributo aos povos indígenas: 50 anos da SIL Brasil**. Brasil: International Academic Bookstore, 2008.

